

O PCR e a organização do trabalho entre as mulheres

Apesar de toda a propaganda burguesa em contrário, a verdade é que chegamos ao século 21, com a mulher ainda oprimida e explorada em todos os países capitalistas. De fato, na imensa maioria das famílias a mulher continua na escravidão doméstica, assumindo, exclusivamente, as tarefas da cozinha, dos filhos, da alimentação da casa e sofrendo as conseqüências desse trabalho mesquinho e pesado. Pior ainda: com as mulheres cada vez mais trabalhando fora de casa, o que acontece é uma dupla jornada de trabalho, já que elas continuam fazendo todo o serviço de casa à noite ou antes de sair para trabalhar. Além do mais, o chamado “trabalho fora de casa” é, muitas vezes, o trabalho doméstico em outras residências. No Brasil, por exemplo, seis milhões de mulheres que trabalham são empregadas domésticas.

Na realidade, a completa libertação da mulher do trabalho doméstico só é possível quando existir o acesso gratuito a restaurantes, creches e lavanderias coletivas e a tarefa de educação das crianças e da juventude for assumida plenamente pelo Estado, ou seja, quando o Estado for um Estado comprometido com as classes pobres. Hoje, todos esses serviços são pagos, o que quer dizer que só as mulheres ricas os têm à sua disposição. Mais: como a sociedade é capitalista, tudo aquilo que a mulher operária produz com seu trabalho não pertence a ela, mas aos donos dos meios de produção.

Dessa maneira, as mudanças ocorridas na situação da mulher nos países capitalistas foram apenas superficiais. De fato, o capitalismo, ao levar a mulher para participar mais da produção, o fez com o intuito não de emancipá-la, mas de aumentar a mais-valia e os lucros da burguesia, isto é, de explorá-la ainda mais ferozmente do que explorava os homens.

Portanto, o lucro foi e é o objetivo dos capitalistas ao convocarem as mulheres para o mercado de trabalho. Prova disso é que até hoje as mulheres continuam a receber salários mais baixos que os homens em todos os setores da economia. Em São Paulo, a hora trabalhada pelas mulheres é, em média, 76% do valor recebido pelos homens (Pesquisa Seade-Governo do Estado de São Paulo). Se não bastasse, as mulheres continuam sendo as primeiras a perder o emprego quando ocorrem demissões.

Também, os casos de violência física e sexual contra as mulheres, incentivada pela propaganda burguesa nos meios de comunicação – que apresentam a mulher como objeto sexual ou uma mercadoria à venda e à disposição dos homens – crescem em vez de diminuir, em todo o país. Uma pesquisa realizada em 2003 por entidades que trabalham em parceria com o Ministério da Justiça estimou o impressionante número de 60 mil casos anuais de violência sexual, a maioria (80%) contra meninas.

Lutando pela verdadeira emancipação

Como vemos, passados quase cinco séculos de existência do capitalismo, a mulher continua sendo oprimida e a igualdade de direitos continua sendo apenas uma promessa. O pior é que até mesmo as poucas conquistas que a luta da mulher alcançou estão hoje ameaçadas. De fato, empresários e dezenas de governos burgueses estão exigindo na Organização Internacional do Trabalho (OIT) o fim de vários direitos conquistados pelas mulheres trabalhadoras, como licença-maternidade, creche nas fábricas e tempo de aposentadoria, entre outras. Tal situação, coloca a urgência de o movimento feminino tomar as

ruas, organizar suas entidades de massa e dar um firme combate a todos esses abusos dos capitalistas contra a mulher. Ao mesmo tempo, devido à monopolização da economia, os preços de todos os produtos não param de subir, elevando o custo de vida e agravando as condições da maioria da população.

Com certeza, as mulheres comunistas, tomando a iniciativa, obterão um amplo apoio da imensa maioria das mulheres para o desenvolvimento dessas lutas. É o que revela a própria história. Sem dúvida, mesmo diante de toda a opressão que sofreu e sofre, a mulher, a mais oprimida de todos os oprimidos, nunca ficou à margem dos grandes movimentos libertários. Ao contrário, a história da luta de libertação de todos os povos está repleta de heroínas. O próprio dia 8 de março é um exemplo, uma vez que a data é uma homenagem às 129 operárias têxteis de Nova Iorque que, em 8 de março de 1857, lutavam pela redução da jornada de trabalho e foram assassinadas pela polícia dos patrões.

Também no Brasil vários são os exemplos, como o das heroínas de Tejucupapo; a luta pela independência do Brasil em relação a Portugal; a luta armada contra a ditadura militar; a luta pela anistia ampla; e centenas de greves operárias em todo o país revelam que as mulheres sempre estiveram na linha de frente da luta do povo brasileiro pela democracia e por uma sociedade justa. Na verdade, a luta das mulheres pelos seus direitos, pelo direito ao trabalho e por salário igual, contra a opressão e as discriminações, tem uma longa história e se confundem com a própria história da luta da humanidade por uma sociedade sem opressão e exploração. Lênin, ao destacar a importância do papel das mulheres na libertação dos povos, afirmou:

“A experiência de todos os movimentos de libertação mostra que o sucesso da revolução depende da importância da participação das mulheres”. (Lênin, *A Emancipação da Mulher*, Editorial Progresso)

Por isso, ser conseqüente na luta pelo socialismo significa trabalhar cada vez mais para fazer avançar a organização e a consciência das mulheres em todo o movimento popular, pois sem uma efetiva participação política feminina é impossível fazer a revolução.

Infelizmente, o trabalho feminino de nosso partido é débil. Mas, também aqui, reunimos grandes condições para imediatamente superar esse atraso. Basta que comecemos a estimular e organizar a participação das companheiras nas entidades de massa, sindicatos, grêmios, associações etc. bem como iniciarmos a construção de entidades de massa próprias das mulheres. Nesse sentido, o primeiro passo a ser dado é a criação de comitês femininos em todos os regionais e, em seguida, a realização de um ativo nacional do trabalho feminino. Porém, ao trabalhar pela transformação do movimento feminino num movimento de massas, não devemos perder de vista a unidade entre a luta pela libertação da mulher e a luta pelo socialismo.